



A NOÇÃO DO ABSURDO EM CAMUS E A GEOGRAFIA ESCOLAR

THE NOTION OF THE ABSURD IN CAMUS AND SCHOOL GEOGRAPHY

LA NOCIÓN DE ABSURDO EN CAMUS Y LA GEOGRAFÍA ESCOLAR

Vitor Marques

Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil, vitormarques.geo@outlook.com

Maria Inez Carvalho

Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil, misc@ufba.br

Resumo: Este artigo é uma fabulação com e sobre a Geografia Escolar. Produto de pensares e querereres das experiências com estudos e práticas desta Geografia, é embasado por uma tradução, hibridação, descolamentos que seus autores engendram da Estética do absurdo – o absurdismo – de Albert Camus. Nos inspiramos no Mito de Sísifo para defender a incorporação do absurdo na escola, o que nos autorizou a compor operações do *incontrolável*, do que não se pode banir do currículo, numa tensão insuperável, do rolar incessante de uma *pedra-curriculo*. Valendo-nos das contribuições de Judith Butler, imaginamos um currículo sem amanhã, tensionado pela *precariedade* marcada pelo absurdo. Provocados por Larrosa, Deleuze e Guattari argumentamos pela defesa do *currículo incontrolável*, valorizando a experiência, aberta ao sensível e que potencializa devires. Nesse trajeto, refletiremos o Campo Curricular e a Geografia Escolar, focalizando na Base Nacional Comum (BNCC) para pautar seus movimentos de afirmação de univocidade curricular; e ficcionar Sísifo, em um passeio de volta para o futuro, elogiando e fabulando a Geografia no currículo escolar.

Palavras-chave: Geografia Escolar, currículo, absurdo, precariedade, incontrolável.



Abstract: This article is a fabulation with and about School Geography. Product of thoughts and desires of experiences with studies and practices of this geography, it is based on a translation, hybridization, detachments that its authors engender from the Aesthetics of the absurd – the absurdism – of Albert Camus. We were inspired by the Myth of Sisyphus to defend the incorporation of the absurd in school, which allowed us to compose operations of the uncontrollable, of what cannot be banished from the curriculum, in an insurmountable tension, the incessant rolling of a curriculum stone. Making use of the contributions of Judith Butler, we imagine a curriculum with no tomorrow, strained by the precariousness marked by the absurd. Provoked by Larrosa, Deleuze and Guattari, we argue for the defense of the uncontrollable curriculum, valuing experience, open to the sensitive and that potentiates becomings. In this path, we will reflect on the Curricular Field and School Geography, focusing on the Common National Base (BNCC) to guide their movements of affirmation of curricular univocity; and fictionalize Sísifo, on a trip back to the future, praising and fabulating Geography in the school curriculum.

Keywords: School Geography, curriculum, absurd, precariousness, uncontrollable.

Resumen: Este artículo es una fabulación con y sobre la Geografía Escolar. Producto de pensamientos y deseos de experiencias con estudios y prácticas de esta geografía, se basa en una traducción, hibridación, desprendimientos que sus autores engendran a partir de la Estética del absurdo – el absurdo – de Albert Camus. Nos inspiramos en el Mito de Sísifo para defender la incorporación del absurdo en la escuela, que nos permitía componer operaciones de lo incontrolable, de lo que no se puede desterrar del currículo, en una tensión insuperable, el rodar incesante de una piedra curricular. Haciendo uso de las aportaciones de Judith Butler, imaginamos un currículo sin mañana, tensionado por la precariedad marcada por el absurdo. Provocados por Larrosa, Deleuze y Guattari, defendemos la defensa del currículum incontrolable, que valora la experiencia, abierto a lo sensible y que potencia los devenires. En este camino, reflexionaremos sobre el Campo Curricular y la Geografía Escolar, centrándonos en la Base Nacional Común (BNCC) para orientar sus movimientos de afirmación de la univocidad curricular; y ficcionalizar a Sísifo, en un viaje al futuro, ensalzando y fabulando la Geografía en el currículum escolar.

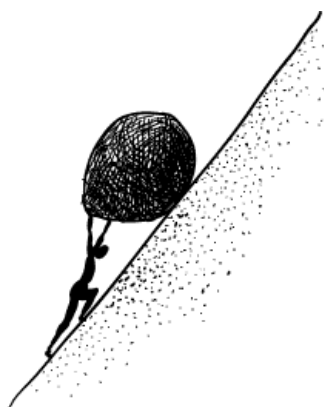
Palabras-clave: Geografía Escolar, currículo, absurdo, precariedad, incontrolable.

Prólogo

Considerado por Homero o mais astuto dos mortais, Sísifo, mestre da malícia e da felicidade, ofensor dos deuses e da morte, fundador e rei de Éfira, um dia, testemunhou a bela e formosa Egina, filha de Asopo deus dos rios, ser raptada por Júpiter a mando de Zeus. Vendo o desespero de Asopo, Sísifo pensou que poderia tirar vantagem da informação que tinha e contou-lhe tudo o que sabia, em troca de uma fonte de água para sua cidade. Zeus ficou enfurecido e mandou Tânato, a própria morte, para levá-lo para o inferno. Ao encontrar-se com a morte, Sísifo a presenteia com um colar e elogia sua beleza. O colar, na verdade, era uma armadilha que a manteve presa e permitiu que Sísifo escapasse. Durante um tempo não morreu mais ninguém. Hades, deus dos mortos, foi quem se enfureceu desta vez. Ele foi até Corinto e libertou Tânato e mandou-o novamente atrás de Sísifo.

Antes de ser levado para o inferno, Sísifo instrui sua esposa, Mérope, a não lhe prestar homenagens fúnebres. Já no inferno, quando encontrou Hades, contou-lhe que não podia aceitar a desonra de sua esposa não o enterrar. Depois de muita insistência, conseguiu permissão para voltar à Terra e castigar sua esposa. Entretanto, ao chegar no mundo dos vivos, Sísifo não retorna e, mais uma vez, engana os deuses. Sísifo fugiu com sua esposa e teve uma vida longa. Já na velhice, foi capturado por Mercúrio que o levou para o inferno e, deparando-se com os mesmos deuses que ludibriara, recebeu o castigo de rolar, incessantemente, uma pedra até o alto de uma montanha, de onde tornaria cair por seu próprio peso (Figura 1)¹.

Figura 1 - O castigo de Sísifo



Fonte: (FORNACIARI NETO, 2017).

¹ Este artigo foi tecido com figuras em formato de GIF que possuem animação. Na versão final, em formato PDF, as figuras perdem os movimentos e exibem somente o primeiro frame. Para acessar os GIFs com animação, acesse: <https://medium.com/@waltherfornaciarineto/vale-o-esfor%C3%A7o-f3d564ec1c50>.

Como toda mitologia, o mito de Sísifo, uma história atemporal, no século XX é traduzida com criativa singularidade pelo franco-argelino, Alberto Camus. Em sua obra, notadamente, no livro o *Mito de Sísifo*, defende a, chamada por alguns, Estética do Absurdo. O absurdismo, conceitualmente forjado no século IX, é atualizado, por Camus, no século XX, como o encontro com a alegria em um mundo no qual o absurdo é parte integrante da realidade. Neste sentido, como parte integrante da realidade, o absurdo, é incontornável. O absurdo de uma vida, que não encontra sentido, pode chegar a uma falsa esperança de conseguir acabar com o absurdo ao escapar da existência, ou seja, suicidando-se, literalmente ou não. É a partir da inevitável questão do suicídio que Camus se movimenta para fazer da aparente falta de sentido um convite a criação de sentidos outros. Para ele, revoltar-se é uma postura possível diante dos absurdos, isto é dizer sim a uma felicidade possível, revoltando-se com a morte e não com a vida.

Encontremo-nos com a alegria do absurdo!

Introdução

Em uma escola qualquer, em um dia qualquer, uma lassidão pode bater no rosto de uma pessoa qualquer, inapreensível e tingida de assombro. Frente aos abismos do cenário atual da educação e as frustrações que são atribuídas à Geografia Escolar, essa pessoa qualquer protesta: – *que absurdo o que acontece hoje com a Geografia Escolar! Precisamos de outra, mais que urgente!*

Diante deste “absurdo”, duas posições costumam emergir. (1) O *ceticismo passivo*, tomado pelo pessimismo extremo que não admite mais valores, porque tudo é vão, foi em vão. Aqueles que coadunam com essa posição, acreditam que a Geografia Escolar é uma pedra no caminho, e que esta não é passível de ser rolada por esforços humanos. Ou, (2) o *empoderamento do humano*, para aqueles que acreditam que o mundo melhor será no futuro. Trabalham para salvar a sociedade, acreditam que por mais pesada que seja a *Pedra Geografia Escolar*, conseguirão rolá-la e chegarão na terra prometida ou, então, abandonarão a *pedra* para seguir o iluminado caminho do progresso.

Pedra no caminho... Pedra no sapato... A pesada pedra de Sísifo. Dentre a poética das metáforas das pedras, uma é a versão antiga da mitologia grega, a *pesada pedra* que os deuses condenaram Sísifo a rolar incessantemente até o alto de uma montanha, de onde ela tornava a cair com seu próprio peso. É inegável que a Educação é uma enorme e *pesada pedra* que

temos rolado. Ceticamente, nos conformaremos a não chegar ao topo? Empoderadamente, apostaremos que vamos chegar, em um dia iluminado, no topo da montanha, nos livrando do absurdo?

Escolher uma das duas posições presentes é locar-se na rigidez de uma Geografia Escolar binária. Porém, entre dois polos sempre há um *continuum* (DEWEY, 1980) em que deslizes, em fluxo, entre um e outro ocorrem sem, necessariamente, ser a busca/encontro de um equilíbrio, pois este é sempre momentâneo e, portanto, precário. Na tentativa de que este seja um texto longe do ceticismo passivo e deslocado da crença no empoderamento do sujeito, apoiamo-nos, mesmo que a rasurando, na noção do absurdo presente no livro O Mito de Sísifo de Albert Camus para fabular com e sobre a Geografia Escolar.

Como estudiosos/professores da Geografia Escolar não acreditamos que possamos resolver o absurdo, pois não nos livraremos de rolar essa *pesada pedra* até o topo da montanha e, ao mesmo tempo, frente a esta irreversibilidade, não optamos pelo “escapar da existência” por alguma de suas trágicas formas de suicídio. Nos resta, immanentemente, abraçar o absurdo. Quem não conhece algum professor que “escapou da existência” se suicidando para se tornar um virador de páginas de livro didático? Quem não conhece algum professor que adoeceu tentando se livrar do absurdo? Se toda potência está naquilo que se é, como será, pelas encruzilhadas de um plano imanente, abraçar o absurdo, ser feliz com ele, numa infinidade de cintilações abertas a criação?

Criar é também dar uma forma ao destino.
Camus (2019, p. 133).

Pelas linhas de fuga dessa encruzilhada, a produção deste artigo agencia-se por pensares sobre a Geografia no currículo e pela nossa tradução da noção de absurdo de Camus (2019), presentes em nossos estudos para dissertação de mestrado, na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA), em que pesquisador e orientadora, numa condição formativa, se interessam por seguir rastros de conhecimentos outros, em um experimento com o pensar, para reivindicar e inventar Geografias na escola básica.

Para tal, não tensionamos a Geografia Escolar em busca de sua utilidade, de maneira teleológica, muito menos perseguindo formas de “endireitá-la”. Valorizamos experiências pedagógicas (LARROSA, 2016) abertas ao sensível e que potencializam devires, numa escola que é compulsoriamente precária. Defendemos a incorporação do absurdo na Geografia Escolar, o que nos autoriza a compor operações do *incontrolável* (PIMENTEL-JÚNIOR; CARVALHO; SÁ, 2017), do que não se pode banir, onde sentidos e aprendizagens são

construídos de forma irregular, numa *tensão insuperável* (BHABHA, 2013) do rolar incessante de uma *pedra-currículo*.

Mesmo que cheguemos a algum topo de uma montanha com a *pedra-currículo*, será necessário/compulsório descer, e tornar subir, pois as traduções já serão outras... E nesse nosso castigo incessante, como não cantar Força Estranha (1978) com Caetano Veloso:

“Por isso uma força
Me leva a cantar
Por isso essa força
Estranha no ar
Por isso é que eu canto
Não posso parar”.

E porque não parafrasear:

“Por isso o absurdo
Nos leva a criar
Por isso o absurdo
Estranho no ar
Por isso criamos
Não podemos parar”.

Fabulações de uma Geografia Escolar

Os mitos são feitos para que a imaginação nos anime.
Camus (2019, p.138).

6

Entre movimentos de crítica à escola, pautados por verdades únicas e pela afirmação do senso comum da dificuldade/necessidade de transformação dos seus rumos, e o anúncio do fim da escola, é notória a tentativa de marginalização de Geografias Escolares outras. Diante desse cenário, fazemos um convite: trair os deuses e a morte da Geografia Escolar.

Roubando a astúcia de Sísifo, de *trair os deuses e aceitar seu destino*, ousamos trair os pretensos “currículos-deuses” na/da Geografia Escolar – traí-los, não os negar. Chamamos aqui de “currículos-deuses” aquelas propostas curriculares que engendradas por fortes fundamentos, tem a pretensão de uma aplicação qualificada de suas diretrizes, que almejam funcionar como um obstáculo ao heteronômico e fixar sentidos essenciais e/ou definitivos, dificultando, assim, novas formas de inventar o mundo. Talvez, melhor seria anunciar, um despertar à traição, pois esta acontece sempre, nos cenários onde os currículos se manifestam, sempre despregados e desprendendo-se das propostas. O currículo é mais resultado de traduções provisórias, criações de significados a partir de significantes – sabendo que as traduções também carregam traços dos significantes universais –. Estejamos mais atentos aos

absurdos e menos desejosos de bani-los das escolas. “Sísifo ensina a fidelidade superior que trai os deuses e ergue as rochas” (CAMUS, 2019, p.141).

A Escola está morta! Dizem os convictos da sua obsolescência e/ou os que traçam rumos para sua transformação salvacionista e profetizam que ela está com os dias contados. Imaginações estas potencializadas no mundo das tecnologias digitais e, muito provavelmente, no pós-pandemia da COVID-19. Defendemos aqui, um posicionamento derivado de elucubrações do nosso grupo de pesquisa Formação em Exercício de Professores (FEP/CNPq), de que *a escola está viva!* Viva, pois um *outro* sempre vem. E isso é o absurdo, a educação como uma *pedra pesada* aberta a invenção. Enganemos a Morte! Viva a Educação!

Sísifo enfrentou a Morte – não escapou da existência por algum suicídio – enfeitando seu pescoço com um colar que, de fato, era uma armadilha e foi castigado por isso. O absurdo da vida humana é potente. Alcançando o pico, vendo a pedra rolar morro abaixo novamente, ele se dá conta da *precariedade* do mundo e descobre que seu esforço será eterno, é o “homem absurdo” em seu momento de lucidez.

É importante aqui, diferenciar *precariedade* de *precarização*. Sendo a *precariedade*, marcada neste artigo, por gestos de absurdo, ela é condição intrínseca engendrada numa existência generalizada por contingências, incertezas e provisoriedades. Já a *precarização*, a qual reconhecemos que muito se advêm dos “podres poderes”, é induzida como um projeto de dominação, que segundo Foucault (2012), é tecnologia dominante do governo biopolítico das populações. Coadunamos com Judith Butler (2010) para quem não existe vida sem precariedade, e dela não podemos escapar, é “condição generalizada”, “uma condição existencial” (BUTLER, 2010, p. 42), um traço da nossa humanidade, visto que não há vida sem dependência de redes de sociabilidade e de trabalho” (BUTLER, 2010, p. 45).

Sísifo desce a montanha, sente a leveza nos seus ombros, contempla a paisagem, o cheiro do mundo, o gosto do espaço. A *precariedade* marcada pelo absurdo faz de Sísifo um criador do seu destino, no fluxo de *diferenças e repetições*, onde os pretendidos *conteúdos universais e verdadeiros* (DELEUZE, 1988), são borrados pelo rolar da *pedra*, em um plano imanente que é “como um corte do caos e age como um crivo” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 53).

Tomemos o Mito de Sísifo para fabular a Geografia Escolar como uma pedra que é moldada no seu acontecer, e que malgrado as permanências, ao rolar, nunca será a mesma. Uma Geografia Escolar plural que, embora pertencente a este nosso tempo/espço

contemporâneo, se manifesta em ricas e singulares experiências, nos mais diversos contextos escolares. **Pedra que está aí para ser inventada** (CARVALHO, 2008).

Em tentativa de desvios da hegemonização de formas unívocas, apresentadas como diretrizes, partimos pensando a Geografia Escolar com deslizamentos entre o instituído e o instituinte, que acabam por minar o currículo oficial com fabulações locais. “Um convite a profanar as histórias unitárias, as histórias dos vencedores, enfim, questionar as histórias assépticas que põem em funcionamento a teleologia e o finalismo em favor da perpetuação da lógica progressista” (PIMENTEL-JÚNIOR; CARVALHO, 2014, p.162).

Após sugerir a traição dos “deuses” e da “morte”, vamos ao nosso castigo: rolar a *Pedra Geografia Escolar* incessantemente! Um rolar Pedra criador de currículo. E deslocando para o campo da Educação a ideia deleuziana que “não existe obra de arte que não faça apelo a um povo que ainda não existe” (DELEUZE, 1999, p. 14), reivindicamos que a Geografia Escolar é constituinte de um currículo, que, como resistência artística, é apelo a um povo que não existe, portanto, sem amanhã.

Um Currículo sem amanhã para um povo que ainda não existe

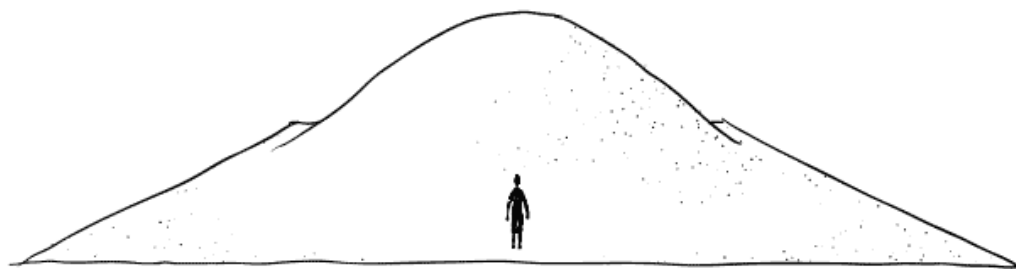
8

O absurdo me esclarece o seguinte ponto: não há amanhã. Esta é, a partir de então, a razão da minha liberdade profunda.
Camus (2019, p. 72).

Acordar, trânsito, aula, recreio, aula, casa, almoço, tarefa de casa, noite, jantar, sono... “Um dia, porém, o “porquê” se eleva e tudo começa com essa lassidão tingida de espanto. “Começa”: isso é importante. A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal (CAMUS, 2019, p. 27-28), mas ela inaugura, ao mesmo tempo, o movimento imanente e criativo de rolar as nossas *pedras*.

Quando um qualquer, em um dia qualquer, percebe o absurdo da escola, o porquê se eleva diante do não saber lidar com a *não-resposta*, própria dos processos incertos, é quando se pode começar a experimentar o absurdo (figura 2), com o assombro que nos toma. Assim, em uma abordagem pós-estrutural, a escola é mais essa pedra precária e provisória, no rolar incessante das dinâmicas e traduções heterogêneas e menos uma estrutura pesada de dominação e controle total.

Figura 2 - Precariedade Absurda



Fonte: (FORNACIARI NETO, 2017).

Mergulhados na *precariedade* da qual ninguém pode nos libertar, a escola pode experimentar o Absurdo e, quem sabe, nos livrar, mesmo que de maneira provisória, das precariedades. Porém “o que nos interessa, quero repetir, não são tanto as descobertas absurdas. São suas consequências” (CAMUS, 2019, p. 30). O que fazer diante dos absurdos? Viver com eles!

“Por entre fotos e nomes
Os olhos cheios de cores
O peito cheio de amores vãos
Eu vou
Por que não, por que não?”
(ALEGRIA [...], 1967, grifo nosso).

9

Por que não? Eu vou, nós vamos, sem suicídios e superações. “Matar-se, em certo sentido, e como no melodrama, é confessar. Confessar que fomos superados pela vida ou que não a entendemos” (CAMUS, 2019, p.19). Matar-se ou querer matar a escola é não reconhecer que a falta de sentidos é potência de produção desejante para criar seus próprios sentidos.

Aceitamos, apesar dos pesares, o convite de Maffesoli (2010) de deixar de odiar o presente, para abraçar a escola como ela é: provisória, portanto, precária. A revolta, como vontade de potência é uma resposta ao absurdo, um movimento perpétuo da sociedade [e nessa pesquisa, o movimento da Geografia Escolar] com sua própria precariedade. Nós que assinamos este artigo, acreditamos que a *vontade de potência* “é a exigência de uma transparência impossível” (CAMUS, 2019, p. 68), colocando a escola em presença imanente diante de si mesma.

As cores, mesmo que cinzas nos corredores, as letras nos quadros, mesmo que ilegíveis, sons no pátio, considerados por alguns de baixíssimo nível, os cheiros dos livros e dos artefatos técnicos, e o gosto das aulas – *pedra-currículo* que acontece na escola – são

consequências dos absurdos. Amando o presente da escola, quiçá, a *pedra* seja rolada, se afastando de práticas mecânicas com olhos para o passado e de moralismos visando um futuro melhor.

Fabulando por essa via, nos perguntamos: Qual o castigo de uma Geografia Escolar que assim se revolta?

“Brincar de viver
E não esquecer
Ninguém é o centro do universo
Assim é maior o prazer
Você verá que é mesmo assim
Que a história não tem fim
Continua sempre que você
Responde sim à sua imaginação
A arte de sorrir
Cada vez que o mundo diz não”
(BRINCAR [...], 1983, grifo nosso).

A criação sem amanhã de um currículo que se torna o castigo e o destino de uma Geografia Escolar que se revolta, e reconhece seu absurdo como potência para criar mundos no fluxo incontrolável do jogo instituído-instituente. Um currículo fabulado a partir das atualizações de possibilidades, produto do rolar da *pedra*, singular em cada momento, que borra as certezas dos fortes fundamentos e produz a diferença.

Essa Geografia Escolar com *vontade de potência* aceita o caráter transitório da dinâmica espaço-temporal. A escola absurda e revoltada é Sísifo que “ensina a fidelidade superior que nega os deuses e ergue as rochas” (CAMUS, 2019, p.141), com as contingências inerentes aos processos sociais. Nisso, repousa sua potência, a “própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem” (CAMUS, 2019, p.141). É possível imaginar Sísifo e a Escola felizes!

Currículo e o incontrolável

Ao chegar ao cume e ver a *pedra-currículo* descer montanha abaixo, pode-se perceber que esse currículo, incontrolavelmente, é inventado por forças e fluxos, e que se descarta as tentativas de fixação dos fundamentos fortes, ou não, na tentativa de homogeneização. O ciclo do acontecer de um currículo é penetrado pelas contingências, inventando singulares contextos de práticas. Ao olhar do topo, a pedra parece tão pequena na base da montanha. É como um ponto cinza:

[...] nós chegamos ao conceito cinzento, ao ponto fatal entre tornar-se e o deixar de ser: o ponto cinzento. O ponto é cinzento porque não é branco nem preto ou porque é branco e preto ao mesmo tempo. É cinza porque não é nem para cima nem abaixo ou porque é ao mesmo tempo para cima e para baixo. Está cinzento porque não está quente nem frio; está cinzento porque é um ponto não dimensional, um ponto entre as dimensões. (SPILLER apud MERRELL, 1997, p. 138, tradução livre).

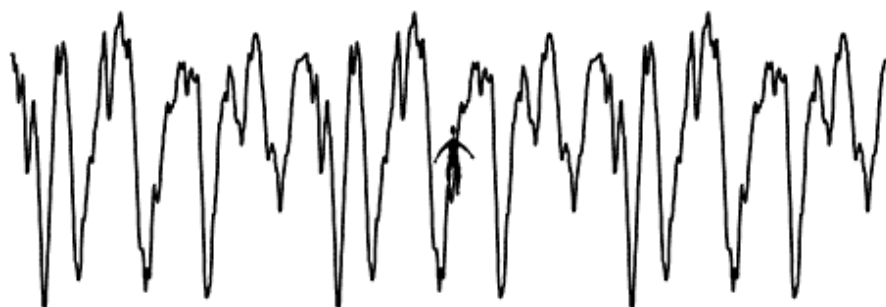
Descer e (re)encontrar a *pedra* é sempre a chance de um fracamente novo começo, pois nossa força fundante é criar, sem amanhã, invenções precárias, atravessadas por contingências. E profundar a diferença entre fundamento e fundante, num plano de imanência que fabrica e é fabricado através de fabulações curriculares, que produz experiências outras.

Considerando que muitas vezes, o intenso processo de renovação da Geografia Escolar, que vem ocorrendo há décadas no Brasil, não provocou – ou mesmo teve como pretensão provocar – produção de políticas curriculares, no processo de ensino e aprendizagem da Geografia, deslocadas das noções de aplicação de conceitos e/ou teorias fixas e com padrões universais. A partir desse cenário, primaremos o Campo Curricular e a Geografia Escolar, focalizando no que nos oferece o texto da Base Nacional Comum (BNCC) para pautar seus movimentos de afirmação da univocidade, ao tempo em que defendemos que a proposta da BNCC, por derivar atribuições múltiplas de sentido, não é significada igualmente em cada contexto escolar o que possibilita, apesar da tentativa oficial de frear, escapes de produções outras e constantes traduções das políticas de currículo.

Nesse sentido, argumentamos em defesa de uma Geografia Escolar, atravessada pela *política incontável* (PIMENTEL-JUNIOR; CARVALHO; SÁ, 2017), que incorpora as contingências de um caminhar na escola como construção irregular de sentidos, frente a tentativas hegemônicas de fixação dos sentidos e imposição de uma base comum. Lopes (2010) nos ajuda a pensar que a sociedade, como um todo estruturado e fixo, não exista, isso faz com que identidades fixas sejam impossíveis, pois estas não fecham a significação da política de uma vez por todas na escola (Figura 3, 4, e 5).

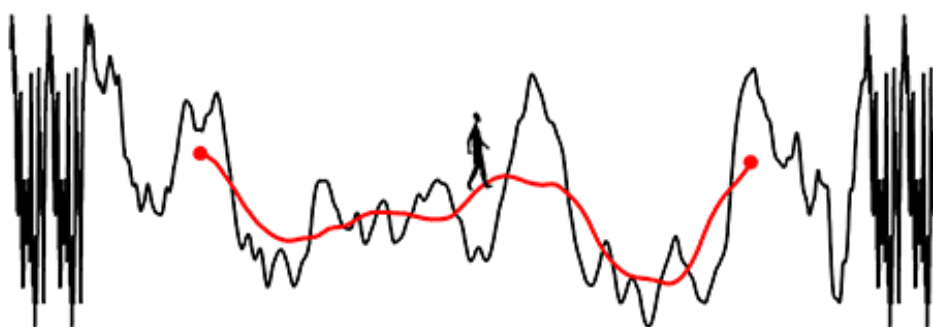
Pimentel Júnior, Carvalho e Sá (2017), defendem que para eles, a *política-poética do incontável* significa, com base em Bhabha (2013), trilhar na *tensão insuperável*, com negociações entre afirmar e trair tradições. Isso nos remete, mais uma vez, ao Mito de Sísifo, criador de seu destino, incorporando as contingências no rolar de uma *pedra*, num movimento de tensão insuperável, sem amanhã, no qual “[...] nem a vitória nem a derrota jamais serão completas” (MACEDO, 2006, p. 289).

Figura 3 - Política do Incontrolável - Cotidiano Escolar



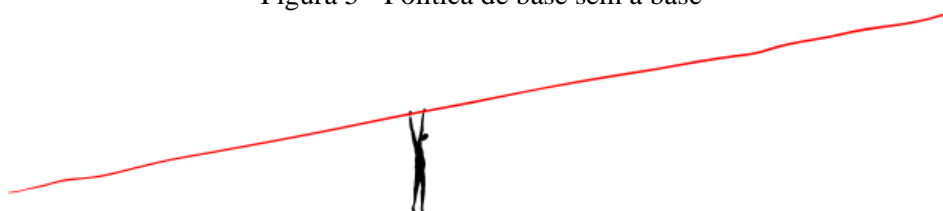
Fonte: (FORNACIARI NETO, 2017).

Figura 4 - Suposta política homogeneizante - Como a BNCC **tenta** produzir a escola



Fonte: (FORNACIARI NETO, 2017).

Figura 5 - Política de base sem a base



Fonte: (FORNACIARI NETO, 2017).

A criação, a partir das diferenças e a cada repetição do rolar da pedra, reterritorializa novos sentidos que produzem multiplicidade, que é potencializada em devires incontroláveis. Pela *Diferença e Repetição*, os “currículos-deuses” são ressignificados pela *tradução*. E essas traduções são sempre minorizadas, mas com um movimento de rasura do rolar a *pedra* no discurso hegemônico rasuram seus significantes fixos.

Para Deleuze e Guattari (2012), o devir é processo de desejo, uma variável desterritorializada da maioria, em estados múltiplos em expressões, provenientes de relações

nas microterritorialidades, nos quais se encontram em sistemas de coexistências e diferenciações. Esse desejo é maquínico porque ele produz, é criativo. Em *Conversações*, Deleuze propõe que:

as minorias [aqui a Geografia Escolar instituinte] e as maiorias [a Geografia Escolar instituída] não se distinguem pelo número. Uma minoria pode ser mais numerosa que uma maioria. O que define a maioria é um modelo ao qual é preciso estar conforme: por exemplo, o europeu médio adulto macho habitante das cidades [...] **ao passo que uma minoria não tem modelo, é um devir, um processo.** Pode-se dizer que a maioria não é ninguém. Todo mundo, sob um ou outro aspecto, está tomado por um devir minoritário que o arrastaria por caminhos desconhecidos caso consentisse em segui-lo. Mas sua potência provém do que ela soube criar, e que passará mais ou menos para o modelo, sem dele depender. **O povo é sempre uma minoria criadora**, e que permanece tal, mesmo quando conquista uma maioria: as duas coisas podem coexistir porque não são vividas no mesmo plano (DELEUZE, 2008, p. 214, acréscimos e destaques nossos).

Por conseguinte, esse devir está no trânsito *continuum*, onde o *devir maioritário* que se pretende homogeneizante, não consegue eliminar os devires *minoritários*, *incontroláveis*, em nome da lógica de cristalização. No entanto, a partir das proposições da BNCC, podemos interpretar que há movimento para alcançar uma suposta natureza essencial para a educação. Costa (2018), estudioso do campo do Currículo e Educação Geográfica, defende que, no caso da Geografia Escolar, há uma lógica de afirmação de uma forma de raciocinar o/no espaço de modo apartado da experiência espacial.

A BNCC que se apresenta como documento de caráter normativo, impondo uma “referência nacional obrigatória” (BRASIL, 2018 p. 5), nos leva a afirmar que o documento tem uma visão prescritiva com uma política de padronização mascarada por um discurso de produção do futuro, a partir da formação ideal do sujeito (LOPES, 2015). Considerando que, em cada contexto, tais normatizações implicam possibilidade de leituras outras, não coadunamos com uma “base” que não aciona a produção de sentidos, e se esforça, em grande medida para conter traduções outras e impor uma Geografia unívoca com selo de verdade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica**, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2018, p. 7, grifos nossos).

Os conceitos geográficos são tratados pela BNCC como objeto externo à comunidade escolar e estritamente separado de suas experiências, isso tende a uma operacionalização do

conteúdo como aplicável. No entanto consideramos que, mesmo com fortes tentativas de impor um caminhar homogêneo para as escolas brasileiras, desconsidera as possibilidades de *criação* do currículo, ao tempo que estabelece um caminhar perverso com garantias de competências e habilidades, nos posicionamos a favor do tecer do *currículo incontrolável*, como acontece na precariedade dos contextos escolares, pondo em jogo o desmanche de políticas supostamente universais, e dando espaço para profanar as políticas normativas e emergir práticas com sentidos de um currículo fabricado no cotidiano pela comunidade escolar.

Segundo a BNCC (BRASIL, 2018):

[...] pensar a temporalidade das ações humanas e das sociedades por meio da relação tempo-espaço representa um importante e desafiador processo na aprendizagem de Geografia. **Para isso, é preciso superar a aprendizagem com base apenas na descrição de informações e fatos do dia a dia, cujo significado restringe-se apenas ao contexto imediato da vida dos sujeitos. A ultrapassagem dessa condição meramente descritiva exige o domínio de conceitos e generalizações.** Estes permitem novas formas de ver o mundo e de compreender, de maneira ampla e crítica, as múltiplas relações que conformam a realidade, de acordo com o aprendizado do conhecimento da ciência geográfica (BRASIL, 2018, p. 313, grifos nossos).

Sobre os indicativos prescritivos que a BNCC apresenta para a Geografia Escolar, Costa, Rodrigues e Stribel (2019) denunciam a proposta de “afastamento da empiria microcontextual, das experiências da escala do cotidiano em favor do domínio de conceitos e generalizações” (COSTA; RODRIGUES; STRIBEL, 2019, p.104), e interpretam a proposição de “*superar a aprendizagem com base apenas na descrição de informações e fatos do dia a dia, cujo significado restringe-se apenas ao contexto imediato da vida dos sujeitos*” como uma redução de outras formas de conhecer na e sobre a Geografia na escola, concentrando a legitimidade de acontecimentos em torno deste nome em conteúdos a serem ensinados de modo padronizado. (COSTA; RODRIGUES; STRIBEL, 2019, p.104).

Esses padrões, são trapaceados pela diferença, pelas experiências minorizadas. De acordo com Larrosa, “a experiência é o que acontece, é o que nos acontece, o que nos toca”. (LARROSA, 2016, p.18). Assim é que imaginamos a abertura de “um devir que não é senão o espaço de uma liberdade sem garantias, de uma liberdade que não se sustenta mais sobre nada” (LARROSA, 2002, p. 117). É uma formação que se abre para a criação, no rolar da *pedra-currículo* que não é “o caminho até um objetivo, até uma meta que se conhece de

antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar, nem ‘pré-ver’, nem ‘pré-dizer’” (LARROSA, 2016, p.34).

Seguimos rolando a *pedra*, o fazer-curricular, que é, em si, uma prática *incontrolável* de (des)aprendizagem, cujas possibilidades abertas permitem criar leituras outras, entendendo as significações propostas como provisórias e contingentes. Nesse sentido, o incontrolável e a precariedade absurda configuram sua própria categoria da criação, pondo em questão a ideia de obra conclusa. Sem o objetivo de alcançar uma suposta natureza essencial da educação geográfica.

Sendo assim, deslocamos as discussões da geógrafa inglesa Doreen Massey, no livro “Pelo Espaço”, para argumentar a favor da compreensão do espaço como dimensão aberta na Geografia Escolar, um ente que está sempre em processo de (re)construção.

Se o tempo deve ser aberto para um futuro do novo, então o espaço não pode ser equiparado com os fechamentos e horizontalidades da representação. De um modo mais geral, se o tempo deve ser aberto, então o espaço tem de ser aberto também. Conceituar o espaço como aberto, múltiplo e relacional, não acabado e sempre em devir, é um pré-requisito para que a história seja aberta e, assim, um pré-requisito, também, para a possibilidade da política. (MASSEY, 2008, p. 94-95).

Assim como a *pedra-currículo*, o espaço geográfico não é uma externalidade pronta e acabada (fechada), e na Geografia Escolar essa potencialidade organiza o mundo não em uma perspectiva única, mas no *continuum* entre o instituído e o instituinte que, pela fabulação, contempla e inaugura o devir espacial.

É possível imaginar Sísifo e a Escola felizes! A escola como ela é. Com essa Geografia Escolar que rola a *pedra-currículo* incessantemente, nessa rede que não se repete o mesmo, repete-se as diferenças que inauguram devires espaciais que podem potencializar o gosto do mundo, a canção do espaço para Geografias incontroláveis e diferentes e provisórias e precárias e...e...e...

Elogio a Geografia Escolar: Sísifo e a pedra-currículo

Nesta seção, para finalizar o artigo, ficcionamos uma *experiência pedagógica* (LAROSSA, 2016), onde Sísifo irá rolar a pedra-currículo, tensionando a Geografia Escolar sem a tentativa de buscar utilitarismos. Inspirados nas obras *Em defesa da escola: uma questão pública* (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013) e *Skholé e igualdade* (LÓPEZ; MASSCHELEIN; SIMONS, 2017), faremos um *passeio*, – queremos repetir, um *passeio*, e

não uma *fuga* para polos binários – *uma volta para o futuro*, com idas e vindas – sem a pretensão de uma *fuga* com plano conservador que restaura o passado no futuro, e muito menos, o apelo ao futuro que professa uma escola que garante ascensão social – no movimento de valorização do processo ensino e aprendizagem da Geografia Escolar.

Embarquemos de volta para o futuro:

Sísifo considera que não vem rolando a mesma pedra desde o início do seu castigo. Ele acredita que cada vez que chega à base da montanha, a pedra não é a mesma, e sempre diz que nem ele é o mesmo (Figura 6). O que poderia ser um tormento, ali, naquele castigo, Sísifo considera como vitória. A cada passo, a vontade de triunfar, e chegar ao topo com a pedra-currículo no seu lombo, é o que lhe sustenta a cada passo. O seu castigo é criar, fabular uma Geografia Escolar para um povo que ainda não existe.

Figura 6 - O rolar da pedra-currículo



Fonte: (FORNACIARI NETO, 2017).

Pedra Antiga: liberdade restrita. Sísifo encontra a pedra grega, a *Skholé* na base da montanha, e o seu rastejar até o topo se torna um passeio. A Geografia Escolar no rolar da pedra *Skholé*, para Sísifo, foi o ócio, um modo de aprender livre. Essa liberdade é condição e não uma meta, como era para os gregos. Sísifo viu essas marcas naquela pedra e se encantou. A escola, invenção da polis grega como tempo-livre, separado das obrigações.

Sísifo continuou subindo a montanha, com rosto rente à pedra-currículo, se fabulou numa aula de Geografia na escola antiga. O professor era Heródoto, que o fazia decorar nomes de mares, montanhas e cidades em mapas antigos. A partir disso, Sísifo lembrou de andanças, se sentindo regozijado com a sensação de estar em um mapa antigo, entre encontros e perdições, numa viagem, ele se emocionou quando conheceu o Rio Nilo, o qual seu professor Heródoto associou a sua desembocadura à letra grega delta, motivo pelo qual, é encontrada, até os dias atuais, a foz em delta nos livros escolares. Sísifo, já no meio da montanha, sorriu lembrando quanto aprendeu decorando, e como era emocionante se sentir dentro de um mapa, quando ia aos lugares.

Próximo do pico, Sísifo se recordou do dia em que a aula de Geografia foi com os poemas da *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero, e o quanto vibrava com as descrições dos lugares distantes e das longas viagens marítimas. Ele sabia que muitos criticam a descrição, por considerarem como fragmentadora dos espaços geográficos e que, a partir da análise, se alcançará uma totalidade. Mas, já no topo, ele olhou a pedra com deleite ao pensar o quão era legal entrar em mundos geográficos com boas histórias para se ouvir e contar.

Pedra Moderna: liberdade universal como promessa. Do pico ele vê, mais uma vez, a pedra despencar em alguns instantes e sente o vento bater em seu rosto. Sísifo reencontra, no eterno retorno, a pedra na base da montanha, e desta vez com um traço que lhe chamou muito a atenção: a promessa de igualdade universal.

Ele percebeu como na pedra tradicional, a liberdade era uma condição dos bem-nascidos, dos livres, e não para os escravos. Nas palavras de López, Masschelein e Simons (2013), “os antigos gregos jamais se deparam com aquilo que nós, contemporâneos, denominamos igualdade” (p. 179). E a pedra moderna, se valeu dessa restrição entre gregos e bárbaros para prometer a igualdade universal, até então, não realizada.

Sísifo carrega a pedra moderna e fabula-se em uma aula de Geografia na década de 80 no Brasil. Ele sentiu aproximações do professor Yves com as lutas sociais por igualdade universal. Diante deste cenário, Sísifo viu a aula de Geografia sendo pautada como capaz de oferecer uma leitura crítica do sistema hegemônico – capitalista – causador das desigualdades sociais, para, com isso, gerar um ensino em condições de superação. Nas aulas, as palavras que mais ouviu foram: modo de produção, alienação, ideologia, exploração, mais valia, etc.

Com muito esforço, chega ao topo, se sente cansado, mas aliviado. Ele vê a pedra descendo e a contempla por emergir nele a compreensão de que homens exercem seus “podres poderes”. Descendo esse relevo íngreme, ele defende que as bandeiras de igualdade não podem ser abandonadas, mas precisam ser (re)significadas, em função das demandas que se engendram no Ensino de Geografia e do jogo político contingente (LOPES, 2010).

Sísifo desce a montanha, ponderando que as práticas pedagógicas forjadas na pedra produziram um discurso doutrinário que procurou anular possibilidades outras de tradução, com discursos em grande medida, prontos e acabados. Chegando na planície Sísifo diz que

Na tentativa de superação da Geografia Tradicional em direção a uma Geografia diferenciada (a Geografia Crítica) perderam-se alguns recursos e habilidades didáticos básicos: o mapa, o quadro, o hábito de os alunos escreverem no caderno, a observação e a descrição das paisagens. Confundiram-se erroneamente tais tarefas como sendo necessariamente

‘negativas’ porque identificadas à Geografia Tradicional. “**Jogou-se fora a criança com a água do banho**”. (KAERCHER, 2004, p. 115, grifo nosso).

Pedra Contemporânea: liberdade absurda. Sísifo chega à base da montanha e se depara com a pedra que também mostra uma liberdade para o caminho, mas, desta vez, sem promessas. A pedra contemporânea, não representava nada (sic), Sísifo não achava sentido, pois tinha muitas marcas das duas últimas, “contidas uma dentro da outra, apertadas espremidas inseparáveis” (CALVINO, 1990, p. 147). Sísifo se revolta e coloca a pedra em seu lombo. E, naquela precariedade, a ausência de sentido, o convidou a dar sentidos.

Ele tingiu a pedra com sua imaginação, a liberdade naquela ocasião era sua condição e não uma meta. Subindo com esta pedra, Sísifo passeou pelo futuro, criando a Geografia no currículo escolar, para um povo que ainda não existe. Desta vez, fabulou-se como professor de Geografia, desviando de padrões teleológicos, considerando que nada é certo no currículo incontrolável, pelo menos disso ele teve certeza, buscando em todo passeio acionar sentidos múltiplos no cotidiano escolar, mesmo tendo uma tentativa das diretrizes homogêneas, Sísifo não foi impedido de traduzir, de criar um currículo igualmente incontrolável (Figura 7).

Figura 7 - O currículo incontrolável



Fonte: (FORNACIARI NETO, 2017).

Referências

ALEGRIA, Alegria. Intérprete: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso. [S. l.]: Philips, 1967. 1 LP, Lado A, Faixa 4.

BHABHA, Homi Jehangir. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Educação é a Base. Brasília: MEC, 2018.

BRINCAR de Viver. Intérprete: Maria Bethânia. Compositor: Guilherme Arantes e Jon Marcus Lucien. Intérprete: Maria Bethânia. [S. l.]: Som Livre, 1983. 1 LP, Lado B, Faixa 1.

BUTLER, Judith. *Marcos de guerra*. Las vidas lloradas. Barcelona/Buenos Aires/México: Paidós, 2010.

CALVINO, Italo. *Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. Tradução Ari Roitman e Paulina Watch. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

CARVALHO, Maria Inez. O a-com-tecer de uma formação. *Revista da FAEEDBA - Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 17, n. 29, p. 159 a 168, jan./jun. 2008.

COSTA, Hugo Heleno Camilo. O povo da geografia como resposta na política de currículo. *Para Onde!?* UFRGS, v. 10, p. 135-141, 2018

COSTA, Hugo Heleno Camilo; RODRIGUES, Phelipe Florez; STRIBEL, Guilherme Pereira. Teoria Curricular e a Geografia: convites à reflexão sobre a BNCC. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, v. 9, p. 86-108, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonzo Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2008.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles. O ato de criação. *Caderno Mais*. Folha de S. Paulo. São Paulo, [s.n.], p. 2-15, 27 jun. 1999.

DEWEY, John. Experiência e Natureza. Tradução de Otávio Rodrigues Paes Leme. In: CIVITA, Vitor (ed.). *Dewey*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Cap. 1, p. 3-28. (Os Pensadores).

FORÇA Estranha. Intérprete: Roberto Carlos. Compositor: Caetano Veloso. Intérprete: Roberto Carlos. [S. l.]: Columbia Records, 1978. 1 LP, Lado B, Faixa 4.

FORNACIARI NETO, Walther. Vale o esforço? *Medium.com*. 2017. Disponível em: <https://medium.com/@waltherfornaciarineto/vale-o-esfor%C3%A7o-f3d564ec1c50>. Acesso em: 15 ago. 2022.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012

KAERCHER, Nestor André. *A Geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica*, 2004. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2004.

LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LARROSA, Jorge. *Tremores*. Escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi, Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LOPES, Alice Casimiro. Currículo, política, cultura. In: SANTOS, Lucíola; DALBEN, Angela; DINIZ, Julio; LEAL, Leiva (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 23-37.

LOPES, Alice Casimiro. Por um currículo sem fundamentos. *Linhas Críticas*, v. 21, n. 45, p. 445-466, mai./ago. 2015.

LÓPEZ, Maximiliano Valerio; MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *Skholé* e igualdade. In: LARROSA, J. (Org.). *Elogio da escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 177-193.

MACEDO, Elizabeth. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. *Revista Brasileira de Educação*, v.11, n. 32, p. 285-372, maio/ago, 2006.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *Em defesa da escola: uma questão pública*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2008.

MERREL, Floyd. *Simplicity and complexity: pondering literature, science, and painting*. The University of Michigan Press, 1997.

PIMENTEL-JÚNIOR, Clívio; CARVALHO, Maria Inez da Silva de Souza; SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de. Pesquisa (Auto)Biográfica em chave pós-estrutural: conversas com Judith Butler. *Práxis Educativa*, v. 12, n. 1, p. 203-222, jan/abr, 2017.

PIMENTEL-JÚNIOR, Clívio; CARVALHO, Maria Inez da Silva de Souza. Um sentido para as aparências: cenas e máscaras do/no cotidiano formativo. *Educação em Questão*. Natal, v. 49, n. 35, p. 180-202, mai/ago, 2014.

20

Vitor Marques

Doutorando em Educação na Universidade Federal da Bahia (UFBA), Graduado em Licenciatura em Geografia na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e Membro do Grupo de Pesquisa sobre Formação em Exercício de Professores (FEP/CNPq).

Endereço Profissional: Av. Reitor Miguel Calmon. s/n. Canela. Salvador. 40110-100.

E-mail: vitormarques.geo@outlook.com

Maria Inez Carvalho

Pós-doutora em Desenvolvimento Curricular pela Universidade do Minho (UMinho) Portugal, Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Licenciada e bacharel em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é Professora Titular na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA) e Lider do Grupo de Pesquisa sobre Formação em Exercício de Professores (FEP/UFBA).

Endereço Profissional: Av. Reitor Miguel Calmon. s/n. Canela. Salvador. 40110-100.

E-mail: misc@ufba.br

Recebido para publicação em 08 de abril de 2022.
Aprovado para publicação em 12 de agosto de 2022.
Publicado em 17 de agosto de 2022.